A TERRA SEM MAL, O PARAÍSO TUPI-GUARANI

Eduardo de Almeida Navarro*

A descoberta da América conduziria, inexoravelmente, à necessidade de um enquadramento das novas realidades geográficas, culturais e sociais recém-conhecidas nos esquemas europeus de compreensão do homem e do mundo e isso para impedir a relativização da Revelação bíblica e salvaguardar a idéia da unidade do gênero humano aceita desde a Antigüidade. Desse modo, a religião e os mitos indígenas foram interpretados segundo os conceitos vigentes no universo mental europeu do século XVI. O mito de Sumé foi assimilado à pregação do apóstolo São Tomé na América, o mito do dilúvio foi compreendido como reminiscência da narrativa do Gênesis. A verdadeira religião tupi-guarani, que tem como essência a crença na Terra sem Mal, passou despercebida, então. Religião sem Teologia, concebia o paraíso como a superação da morte, da ordem social e política. Paraíso de homens-deuses, que teria uma realização histórica e uma localização geográfica.

A busca da Terra sem Mal levou a grandes migrações de índios pela América do Sul e a idéia da imortalidade, nela contida, foi assimilada ao conceito de "Vida Eterna" do Cristianismo, o que favoreceu, em grande medida, o bom sucesso do Estado Jesuítico do Paraguai.

Na superfície da terra não há, por certo, povo ou tribo a que melhor se aplique do que ao guarani a palavra evangélica: O meu reino não é deste mundo. *Toda a vida mental do guarani converge para o Além".*

Egon Schaden

A compreensão da religião e dos mitos indígenas pelos europeus no século XVI.

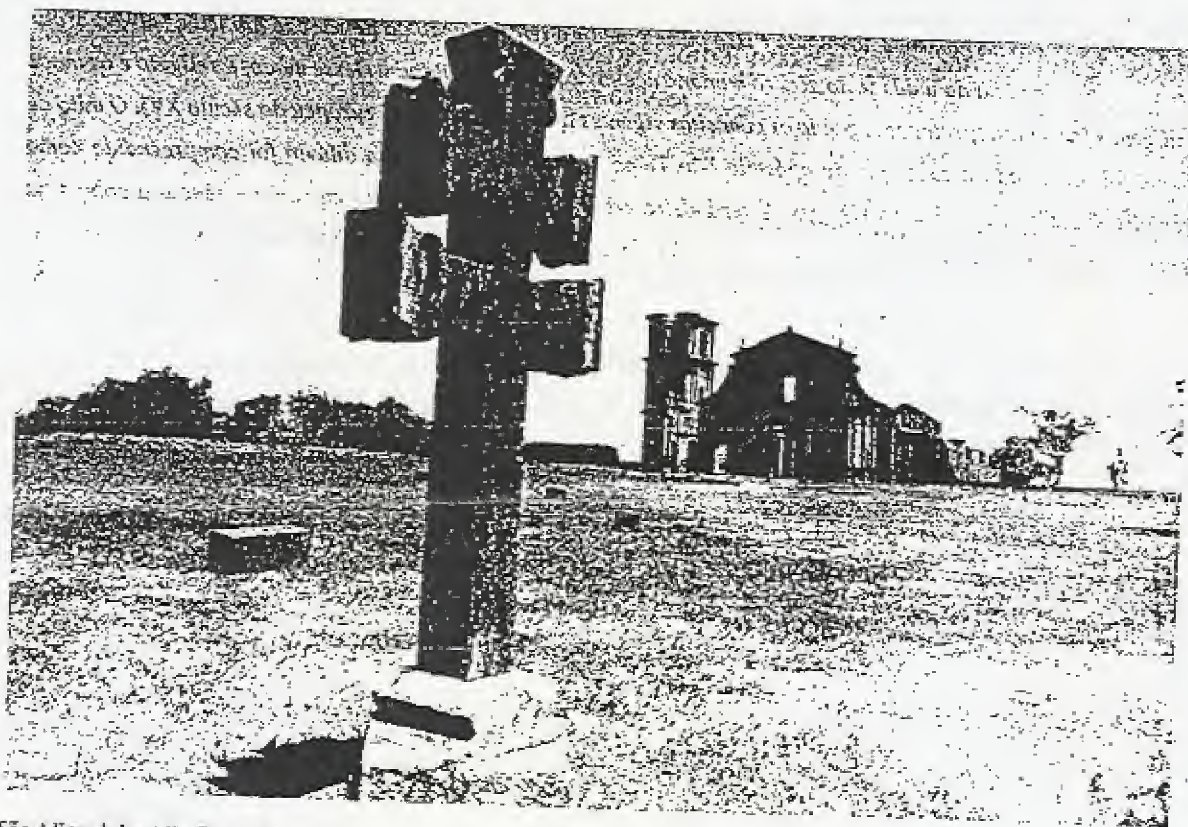
De origem remotíssima, a grande nação tupi-guarani ocupava vasta extensão do Brasil, do Paraguai, da Argentina e da Bolívia ao chegarem à América os conquistadores europeus. Desde o início, os relatos e as crônicas dos viajantes e dos missionários eram unânimes em afirmar que os índios tupi-guaranis não tinham religião. Pero de Magalhães Gândavo em 1576 escrevia:

"Não adoram a coisa alguma nem têm para si que há, depois da morte, glória para os bons e pena para os maus".

A própria língua tupi refletia, para Gândavo, a feição desordenada da sociedade indígena:

"Não se acha nela F nem L nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei nem Rei".

O Padre Fernão Cardim escrevia em 1592 que "este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador nem de cousa do Céu... e, portanto, não têm adoração nenhuma nem cerimônias ou culto divino".



São Miguel das Missões – RS.
Foto: arquivo/Eduardo de Almeida Navarro.

Religião sem templos, sem adoração de ídolos, sem sacrifícios de animais, sem representações figuradas das divindades, a religião dos índios tupi-guaranis passou despercebida para os europeus e esses acreditaram, mesmo, que não tivessem nenhuma.

Religião sem templos, sem adoração de ídolos, sem sacrifícios de animais, sem representações figuradas das divindades, a religião dos índios tupi-guaranis passou despercebida para os europeus e esses acreditaram, mesmo, que não tivessem nenhuma.

Para os europeus do século XVI, a descoberta da existência de seres humanos na América colocava uma séria questão: como incluir os índios nos esquemas de compreensão do homem

e do mundo daquela época, em que a Bíblia era considerada em sua literalidade? Como ligar os índios à história da humanidade em seu todo, já que desde Santo Agostinho afirmava-se a unidade do gênero humano? Por outro lado, se a Bíblia dizia que a palavra dos apóstolos correria toda a Terra, teria a doutrina cristã chegado até os tupi-guaranis da América?

"Sim, a doutrina cristã foi transmitida aos índios na Antigüidade pelo apóstolo São Tomé". Isso foi afirmado por Manuel da Nóbrega, pelo Padre Vieira, foi idéia plenamente aceita nos séculos XVI e XVII. Na verdade, o que se fez foi interpretar-se o mito de Sumé, herói civilizador a quem os Tupis atribuíam, principalmente, o conhecimento que eles tinham da agricultura e de sua organização social, como uma narrativa da vinda do apóstolo São Tomé para a América.

Com efeito, os nomes "Sumé" e "Tomé" têm semelhanças sonoras. Por outro lado, se os índios não eram idólatras, isso poderia ser conseqüência dos ensinamentos cristãos que foram dados a seus ancestrais na Antigüidade. Além disso, muitos missionários afirmaram a "inocência dos índios". Jean de Léry menciona uma verdadeira lição de vida que um velho índio lhe deu. O índio queria saber por que os franceses vinham buscar o pau-brasil de tão longe:

"– Mas esse homem tão rico (isto é, o negociante de pau-brasil) não morre?

– Sim, disse eu, morre como os outros.

– Na verdade, agora vejo que vós... sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos... e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também?"

Desse modo, se o índio tinha valores espirituais admiráveis, se se podiam respigar no discurso indígena parcelas da verdade cristã, isso seria um indício da pregação do apóstolo São Tomé no passado.

O dominicano Gregório Garcia em 1607 escrevia em sua "Origen de los Indios del Nuevo Mundo" que há menções ao continente americano na própria Sagrada Escritura. O próprio nome de Colombo e os de seus companheiros estariam subentendidos em Isaías, 60,8:

"Quem são estes que como nuvens voam e como pombas para seus pombais? Esperam-me as ilhas e as naus do mar estão há muito preparadas para que tragam seus filhos de longe e o ouro e a prata delas consigo".

Além do mito de Sumé, outro mito indígena foi interpretado pelos europeus nos termos da narrativa bíblica: o mito do dilúvio. Assim se expressou o marinheiro alemão Hans Staden a respeito:

"Narram que houve uma vez uma vastidão de águas na qual todos os seus antepassados morreram afogados. Somente alguns daí escaparam numa embarcação e outros sobre altas árvores. Penso que deve ter sido o dilúvio".

"Narram que houve uma vez uma vastidão de águas na qual todos os seus antepassados morreram afogados. Somente alguns daí escaparam numa embarcação e outros sobre altas árvores. Penso que deve ter sido o dilúvio".

Assim, enlaçando o passado indígena com a história da salvação da humanidade, a percepção do mundo índio se tornaria coerente , a verdade bíblica ficaria a salvo do relativismo geográfico, garantida estaria a universalidade da Revelação e os esquemas de compreensão do homem e do mundo, fundados na Bíblia, não seriam subvertidos.

Desse modo, os índios foram, nos séculos XVI e XVII, considerados cristãos adormecidos, esquecidos da doutrina que, ensinada havia muito tempo atrás, ter-se-ia transmitido oralmente, haja vista o desconhecimento da escrita por eles e, assim, teria chegado incompleta e fragmentada , não levando, portanto, a uma prática e a uma correção de vida que deveriam corresponder ao conhecimento pleno da palavra de Deus.

Yby Marã é yma, o paraíso dos homens-deuses

Contudo, quer fossem pagãos sem conhecimento algum de seu Criador ou cristãos adormecidos, com muitos valores que eram, certamente, os do Evangelho, a verdade é que os índios tupi-guaranis tinham uma religião, uma religião sem Teologia, sem nenhum discurso sobre a divindade, sem um panteão a cultuar e sem deuses para os quais oferecer sacrifícios propiciatórios. A essência de sua religião era a crença na Terra sem Mal, a Yby marã-é'yma dos tupis, a Yvy marã-e'y dos guaranis.

À diferença do paraíso cristão ou muçulmano, que os justos conquistarão somente após a morte, a Terra sem Mal tupi-guarani teria existência geográfica e realização histórica. É um lugar acessível aos vivos, aonde seria possível ir de corpo e alma, sem passar pela morte. Nela estão os ancestrais que morreram, mas a morte não seria condição necessária para atingi-la

Não se poderia, por outro lado, assimilar a concepção da Terra sem Mal à concepção do Reino de Deus na teologia de Teillhard de Chardin ou na Teologia da Libertação, segundo as quais o Reino de Deus começa já neste mundo: "O Reino de Deus já está entre vós" (Mateus 12,28). A Yby marã-e'yma não admite a temporalidade histórica, a imanência como seu elemento componente, como quer a Teologia da Libertação. Ela é a superação do tempo, a negação da vida social, a completa anulação da ordem estabelecida.

Desse modo, não existe, aí, um messianismo verdadeiro. No Judaísmo, a Era Messiânica também teria realização histórica. O Messias judeu seria, com efeito, além de um instaurador da paz e da justiça, um libertador político. Desse modo, na raiz da concepção de uma Era Messiânica estava um projeto político: a libertação de Israel da dominação babilônica e, depois, romana, conduzindo ao advento de uma era em que Israel dominaria o mundo e a lei de Deus triunfaria no plano temporal. Estaria, enfim, superada a dialética entre o plano humano e o plano divino, entre a vontade do homem e a vontade de Deus.

Uma concepção messiânica clássica, assim, implica que o religioso e o político convirjam para a realização de um mesmo objetivo: "a sobrevivência de uma sociedade ameaçada por outra na sua própria existência" (Clastres, 1979). O messianismo clássico implica a abolição da dominação e do jugo do mais forte sobre o mais fraco. O Messias viria com força e poder para derrotar as hostes inimigas e implantar uma nova ordem política:

"Levantará o seu estandarte entre as nações, juntará os fugitivos de Israel e reunirá os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra". Isaías 11,12.



A Terra sem Mal é, ao contrário, a negação de qualquer ordem política e social. O religioso e o político tornam-se inconciliáveis. Se o Reino de Deus judaico-cristão é a plena e cabal realização da lei de Deus e é regido por seu poder, a Terra sem Mal é a negação de qualquer poder, de qualquer ordem política,

mesmo que divina. Isso porque está aí implícita a possibilidade de os homens serem seus próprios deuses. Estamos, aqui, diante de uma religião atéia, sem cultos ou sacrifícios, mas não sem práticas religiosas.

Na Terra sem Mal não existe a morte, a terra produz por si mesma os seus frutos, o milho cresce sozinho, as flechas alcançam espontaneamente a caça. Somente opulência e lazer eternos. O trabalho estaria proscrito para sempre. Se há, aqui, algumas semelhanças com o Jardim do Éden, há também diferenças profundas. O Jardim do Éden é governado pela vontade de Deus. Desobedecer à ela (ou desacatar o poder que o governa) implica a punição de perder o paraíso. Pois ao homem tudo era permitido no Éden, menos fazer algo que conferisse a ele o poder de ser igual a Deus. Assim, a sua presença ali era condicionada a sua obediência a um poder maior. Já na Terra sem Mal nenhum poder maior limitaria a ação do homem. Na verdade, tudo, sem exceção, ali seria permitido. O mal é a existência da ordem político-social. Danças e bebedeiras seriam ali as ocupações exclusivas.

Na Terra sem Mal não existe a morte, a terra produz por si mesma os seus frutos, o milho cresce sozinho, as flechas alcançam espontaneamente a caça. Somente opulência e lazer eternos. O trabalho estaria proscrito para sempre.

Não é por acaso que no paraíso tupi-guarani só se dança e bebe-se: a festa é a melhor expressão da contra-ordem, é a negação da tirania do trabalho, da submissão ao poder, do controle social, da opressão do tempo.

Assim, na Terra sem Mal há a abolição de qualquer poder: lá todos se autogovernam. Recuperar a plena liberdade é assumir a natureza divina que a sociedade destruiu. Nenhuma submissão à divindade, uma vez que o homem se tornaria sua própria divindade.

Mas a Terra sem Mal, sendo um espaço real (situado, segundo alguns índios, para além das Cordilheiras dos Andes, segundo outros, no meio do oceano, segundo outros, ainda, no interior da Terra), exige a migração para que seja encontrada. Exige também um profeta que a anuncie e faça ver a possibilidade de atingi-la, tal como Moisés a conduzir seu povo para Canaã. Mas, se atravessar o Mar Vermelho significava para os hebreus libertar-se do jugo dos egípcios, buscar a Terra sem Mal significava, para os tupi-guaranis, libertar-se de si mesmos, de sua própria condição de homens, das peias que a sociedade lhes criava para chegar à condição de deuses.

Seus profetas eram os "caraíbas" (ou "caraís", para os guaranis). Eram homens solitários, que viviam separados da convivência social. Jejuavam, viviam em silêncio e se diziam filhos da virtude suprema, sem pai terreno, descendentes dos heróis celestes, dos heróis civilizadores. Sua missão primordial: anunciar a Terra sem Mal. Tais caraíbas tinham livre trânsito pelas aldeias por onde passassem e eram recebidos com reverência e solenidade. Estavam sempre acompanhados, para onde quer que fossem, por um séquito de índios. Seu poder era eminentemente espiritual e religioso e não político. Seu discurso era sempre sobre o paraíso indígena. O padre Nóbrega ouviu um deles e assim o relatou:

"Chegando o feiticeiro (isto é, o caraíba), com muita festa, ... entra numa casa escura e põe uma cabaça de figura humana ... e mudando a sua própria voz como a de um menino, ... lhes diz que não cuidem de trabalhar, nem vão à roça, que o mantimento por si crescerá e que nunca lhes faltará de comer e que a caça por si só virá à casa e que as flechas irão ao mato caçar para seu senhor e hão de matar muitos dos seus contrários e cativarão muitos para os seus comeres. E promete-lhes longa vida e que as velhas hão de se tornar moças e que dêem as filhas a quem quiserem e outras coisas semelhantes lhes diz e promete".

Também o francês Jean de Léry assistiu, no século XVI, a um ritual comandado por caraíbas, com danças e cânticos entremeados de discursos. Segundo contou o intérprete de Léry, os caraíbas falavam dos mortos e dos ancestrais e da certeza de encontrá-los "por detrás das grandes montanhas" para dançar e festejar com eles; falavam também do mito do dilúvio.A razão de enlaçarem o tema do paraíso com o do dilúvio (ou do fim do mundo) veremos adiante.

Se os profetas eram os caraíbas, a viagem para a Canaã indígena, para a Terra sem Mal, era uma penosa travessia em meio a florestas, campos, serras, uma viagem sem destino, sem chegada. Com efeito, as migrações para a Terra sem Mal são feitas há séculos pelos índios tupi-guaranis e já envolveram deslocamentos de milhares de pessoas pelo território da América do Sul. Se encontramos índios guaranis, hoje, no litoral paulista, é somente por esta razão: a busca do paraíso. Eles vieram com a finalidade de atravessar a "grande água", o oceano, além da qual crêem que ele se encontre. Os movimentos de guaranis do Paraguai para a costa

Se os profetas eram os caraíbas, a viagem para a Canaã indígena, para a Terra sem Mal, era uma penosa travessia em meio a florestas, campos, serras, uma viagem sem destino, sem chegada.

atlântica começaram no século passado. Hoje há muitos deles em aldeias próximas de São Paulo, ou junto ao mar, em Peruíbe, São Sebastião, Itariri, etc. Relata o grande etnólogo Curt Nimuendaju, que trabalhou longo tempo com os guaranis:



"Em maio de 1912 encontrei, para surpresa minha, o acampamento de um pequeno grupo de guaranis paraguaios a apenas treze quilômetros a oeste de São Paulo... Eram autênticos índios da floresta, com o lábio inferior perfurado e arcos e flechas, sem conhecimento do Português e falando apenas algumas palavras em Espanhol. Era o que restava de um grupo maior que, aos poucos, no caminho, havia ficado reduzido a seis pessoas... Eles queriam atravessar o mar em direção ao leste"...

A própria existência de índios tupis, os primeiros que entraram em contato com os portugueses, em toda a costa do Brasil desde o século XVI, leva-nos a pensar que a busca da Terra sem Mal fosse a razão de eles estarem ali, imaginando eles,provavelmente, que o paraíso estivesse no meio do oceano, como ocorre com muitos guaranis hoje.

Mas se o paraíso estava, segundo alguns caraíbas, no oceano, para outros estaria "por detrás das grandes montanhas". Essa crença levou milhares de tupis do Brasil até o Peru, rumo à Cordilheira dos Andes, de 1539 a 1549. Depois de dez anos de marcha e milhares de mortes (nenhum maná lhes foi descido do céu, como ocorreu, segundo o Pentateuco, ao povo hebreu, no deserto), os cerca de doze mil índios saídos do Brasil reduziam-se a trezentos e foram capturados na cidade peruana de Chachapoyas. Contaram aos espanhóis que, em seu percurso, haviam passado por um país provido de "tanta riqueza que afirmaram haver ruas mui compridas entre eles, nas quais não se fazia outra coisa senão lavar pedras d'ouro e pedrarias". Era com efeito, o Eldorado, um mito que fascinou os espanhóis e os levou a grandes expedições pelo interior da América do Sul, a sua procura. O mito da Terra sem Mal, de um lado, e o do Eldorado, de outro, fariam os índios tupi-guaranis e os espanhóis cruzarem a América do Sul em direções opostas.

Há muitos relatos sobre as marchas de milhares de índios para a Terra sem Mal. Outro bem conhecido é do capuchinho Claude d'Abbeville, que veio para o Brasil quando os franceses tentavam estabelecer uma colônia no Maranhão, a chamada "França Equinocial". Diz d'Abbeville que o capitão La Ravardière,

o comandante dos franceses, teria encontrado sessenta mil índios no Maranhão, provenientes de Pernambuco, que iam em busca da Terra sem Mal. Encontrou os índios "no centro de uma floresta desconhecida". O caraíba que comandava os índios intimara-os a "permanecer ali, dançando, até que seu espírito lhes ensinasse o lugar para aonde deveriam ir".

A dança, com efeito, é uma ascese que torna o corpo sutil e o prepara para a viagem ao paraíso. O transe a que se chega por ela, pela bebida, pelo fumo e pelo canto é o caminho para se ter visões da Terra sem Mal. Um guarani revelou-nos, certa vez, que o pajé de sua aldeia tinha visões dela e as revelava aos outros índios nos momentos de transe.

Mas não é somente o desejo ardente de rever os antepassados e de obter a imortalidade que impele os índios tupi-guaranis para a Terra sem Mal. É também a certeza de que o mundo será destruído por um cataclisma. A Terra, que já foi destruída uma vez por um grande dilúvio, será destruída novamente. Pode-se, agora, entender por que os caraíbas a que Léry fez menção falavam, ao mesmo tempo, da Terra sem Mal e do dilúvio. Com efeito,um caraí guarani encontrado por Nimuendaju em 1947 afirmou que estivera em sonho no paraíso e lá "soubera estar próximo o fim do mundo" (Schaden, 1963).

Mas não é somente o desejo ardente de rever os antepassados e de obter a imortalidade que impele os índios tupi-guaranis para a Terra sem Mal. É também a certeza de que o mundo será destruído por um cataclisma. A Terra, que já foi destruída uma vez por um grande dilúvio, será destruída novamente.

Podemos, assim, compreender por que Tupã, a entidade que preside à destruição pelo raio, foi assimilado ao Deus cristão e bem aceito pelos índios. A verdade é que a religião dos índios é comandada pela figura de uma entidade destruidora e não por uma entidade criadora. A alma guarani, voltada para o outro mundo, é essencialmente milenarista, vê sempre diante de si o fim do sistema de coisas e da ordem estabelecida.Todo milenarismo vê no fim do mundo a condição prévia para a instauração da nova era que deverá chegar. Se a viagem até a Terra sem Mal é uma experiência de dor, de privações, de sofrimentos e até de morte, recusar sua busca equivale a esperar pelo pior, pelo cataclisma que destruirá o mundo.

Desse modo, ao escolher, Tupã, a entidade que presidia ao raio, como o correspondente ao Deus cristão, os missionários do século XVI tocaram um ponto sensível da alma tupi-guarani, algo

que, se não fazia sentido para o Cristianismo (cujo Deus é, antes, criador), era pleno de significado para o índios.

Bosi (1992) bem percebeu que "a nova representação do sagrado, assim produzida, já não era nem a teologia cristã nem a crença tupi, mas uma terceira esfera simbólica, uma espécie de *mitologia paralela* que só a situação colonial tornara possível".

Devemos buscar, sem dúvida alguma, no interior da própria religião guarani uma explicação para o êxito das missões jesuíticas da América do Sul. Desde o início do século XVII os jesuítas passaram a congregar índios para a catequese dentro de um verdadeiro enclave político onde, além dos próprios jesuítas, somente o Papa e o rei da Espanha teriam autoridade. Isto é, criavam dentro do sistema colonial espanhol um território que já foi chamado de "República Comunista Católica" ou "República Jesuítica Guarani". Duzentos mil índios foram isolados por eles do sistema colonial espanhol, uma população enorme para o século XVII.

Devemo-nos perguntar, agora, por que milhares de índios aceitaram viver sob a tutela dos padres jesuítas. Conversão autêntica? Condições econômicas estáveis que garantiam sua sobrevivência? Fuga da submissão aos espanhóis nas grandes propriedades rurais conhecidas como "encomiendas"? Seja qual for a causa determinante, o que é certo é que a essência da religião guarani, a busca da Terra sem Mal, encontrava guarida na religião católica. Que outra coisa seria a Vida Eterna prometida aos justos pelo Evangelho senão a própria realização do sonho de chegar à Terra sem Mal? A grande diferença é que os jesuítas prometiam uma Terra sem Mal após a morte e os caraíbas indígenas para esta vida. Não havia, assim, como os padres frustrarem os índios em sua mais profunda aspiração, a da imortalidade.

A grande diferença é que os jesuítas prometiam uma Terra sem Mal após a morte e os caraíbas indígenas para esta vida. Não havia, assim, como os padres frustrarem os índios em sua mais profunda aspiração, a da imortalidade.

Com efeito, não foi a crença num Deus que se encarnou, que padeceu e morreu na cruz para a remissão da humanidade que tocou as notas mais profundas da alma guarani. A idéia de um Deus derrotado na cruz pelos homens era-lhes estranha. O que realmente identificou os guaranis das Missões com o Cristianismo foi a possibilidade de chegarem eles à Terra sem Mal, ainda que essa assumisse, agora, uma roupagem cristã.

Com o avanço da civilização, os espaços vazios para os índios tupi-guaranis tornaram-se poucos. Migrar hoje para a Terra sem Mal implicaria deparar-se fatalmente com a cultura do homem branco, passar por suas fazendas, por suas cidades, por suas estradas, sofrer a violência policial, a hostilidade dos fazendeiros, a incompreensão da sociedade em geral.

Assim, o discurso dos caraíbas teria de mudar, fatalmente. A Terra sem Mal ainda permanece como o tema essencial dos discursos e ritos daqueles índios, mas muitos não acreditam mais na sua existência terrena. Um guarani mbyá da aldeia "Morro da Saudade", situada dentro do município de São Paulo, em meio à Mata Atlântica, disse-nos que ele chegaria à Terra sem Mal, mas após sua morte. O cacique daquela aldeia, porém, afirmou-nos que ainda em vida ela poderia ser atingida. Mas a migração para ela tornou-se impossível.

Hoje tal busca tem um caráter mais interior, mais espiritual que físico. A vida social é, assim, a grande provação, antes representada pela migração em busca do paraíso. Antes obstáculo para que o homem se tornasse um deus, a vida social é hoje validada pelo discurso dos caraís. Isso porque se tomou consciência de que as sociedades indígenas se destroem e estão agonizantes, se não fisicamente, pelo menos culturalmente.

Em 1980 o líder guarani Marçal Tupã dizia ao Papa João Paulo II, quando de sua visita ao Brasil:

"Ha'ekuera oipe' apa ore yvy, ndoroguereko véima mba'eve, mba'eichapa roikoveta upéicharõ?"

"Eles tomaram nossa terra, já não temos mais nada. Como viveremos assim?"

Se os índios chegarão vivos ao novo século (disso não há dúvida, pois sua população está aumentando), sua cultura, com grande probabilidade, se perderá ou se enfraquecerá. A consciência disso é perceptível em muitas tribos. Assim, se o discurso sobre a Terra sem Mal não deixou de ser profético, já não anuncia o advento da plena liberdade do homem, de sua divinização, mas a morte próxima das sociedades. Segundo Clastres (1979), ele "nada mais tem a dizer, a não ser anunciar seu próprio fim".